

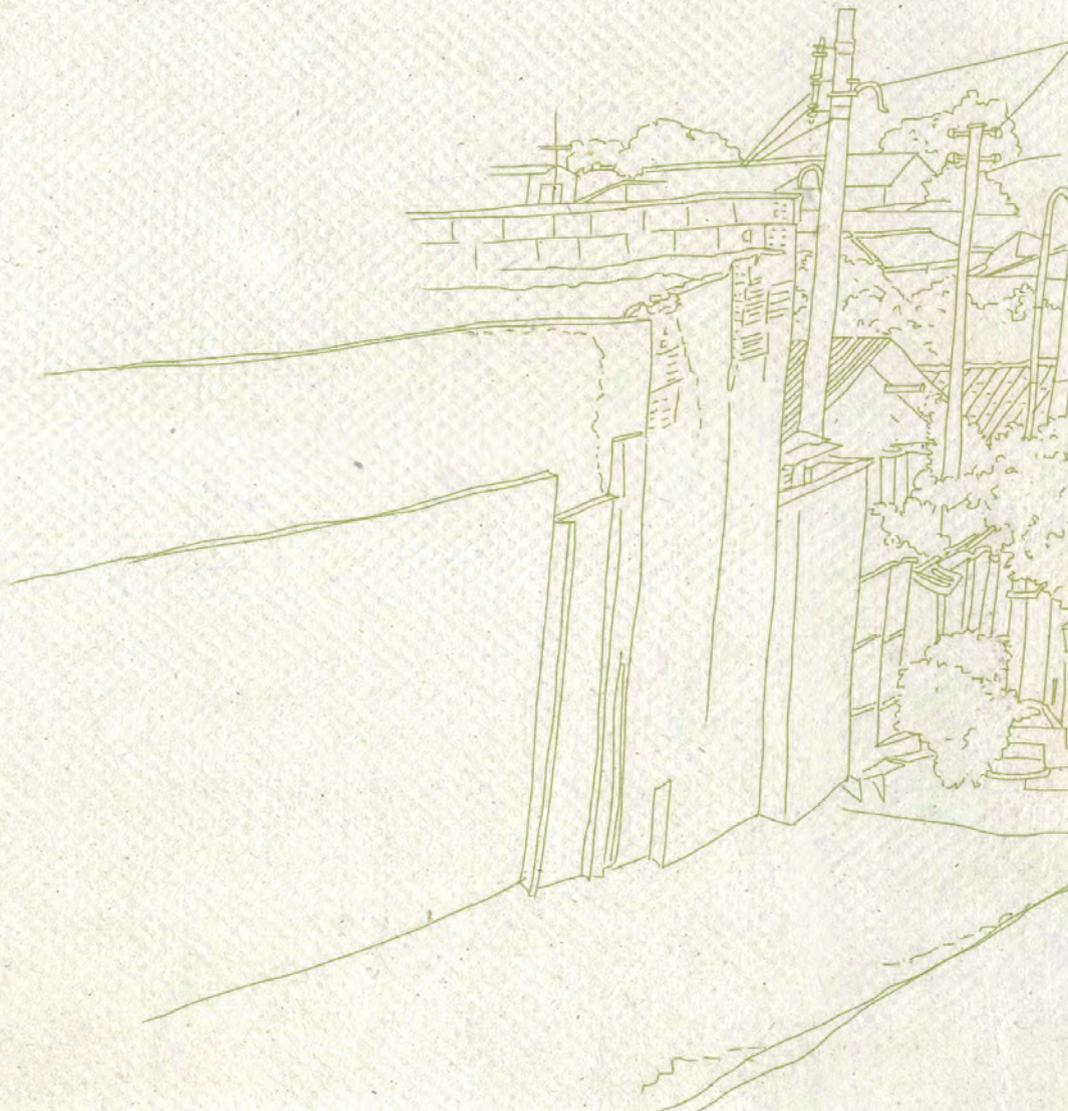
CORRE! >>>

Andrio Candido

Ilustrações:
Estúdio Pandora

VENDA PROIBIDA





CORRE! >>>

Autor: Andrio Candido
Ilustrações: Estúdio Pandora

Copyright © 2019 Fundação Educar DPaschoal. A reprodução de textos e imagens é permitida para finalidades não comerciais e com citação da fonte.

Autor: Andrio Candido

Coordenação Editorial: Juliana Furlanetti

Colaboração: Camila Figueiredo, Carolina Baladin Meira, Cristiane Stefanelli, Isabela Becker, Simone Santos e Marcio Black.

Ilustrações e Projeto Gráfico: Estúdio Pandora

Direção de Arte: Ricardo Quintana

Ilustração: Flávia Tonelli

Diagramação: Maria Paula Ferraz Dias

Revisão: Sâmia Rios

Realização: Fundação Educar DPaschoal - (19) 3728.8129

Agradecemos aos jovens que contribuíram para o conteúdo deste livro: Adler Felipe Correia Leite, Ana Clara Menelau, Ana Laura Aquino Dias, Beatriz da Graça Tamazia, Bianca da Graça Tamazia, Brenda Marina Lonetta Jacob, Erick Lucas Honorio da Silva, Giovanna Caroline Luciano Inácio, Henrique Marques Bazoti, Jefferson Gabriel Costa da Silva, Leticia Bianca Ferreira Talassi, Miriã Franco Moraes, Nilson Gabriel Andrade Barbosa e Leydiane Nunes da Silva.

Esta obra foi impressa na Grafilar Gráfica e Editora do Lar Anália Franco de São Manuel, em papel cartão (capa) e papel couché (miolo). Esta é a 1ª edição, datada de 2019, com tiragem de 3.000 exemplares. (PRONAC 1414380 – Cultura em Páginas).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

C217 Candido, Andrio.
Corre! / Andrio Candido ; ilustrações Estúdio Pandora. —
Campinas : Fundação Educar DPaschoal, 2019.
44 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7694-281-8

1. Literatura juvenil. 2. Educação. 3. Valores. 4. Cultura.
I. Estúdio Pandora. II. Título.

CDD 808.899283



O relógio estava despertando há quase um minuto, marcando meio-dia. Abro os olhos, e o quarto já está bem claro. A TV está ligada, aparecendo a tela de início do *God of War*. Tem muita coisa no quarto, apesar de ele ser pequeno. O quarto está uma bagunça: roupas jogadas no chão, controle remoto embaixo da cadeira do computador, porta do guarda-roupa aberta e roupas caídas no chão, ao lado da bola de futebol que meu pai trouxe da Bahia. As luzes do modem piscam alternadamente. Dormi com o computador e a internet ligada, fazendo o *download* de uma série. Desligo o despertador.

Na verdade, eu não sei o que aconteceu, o Kevin foi embora e parece que o quarto diminuiu. A cama de cima, a que o Kevin usava, está com a minha mochila, livros, estojo, capas de jogos de *video game* e alguns controles, só isso.

Minha mãe vai reclamar da faxina que ela pediu ontem. Já, já, ela vem almoçar e vai reclamar que eu ainda estou dormindo.

Levanto e me sento na cama. Dou umas piscadas de sono. Pego o celular na escrivaninha e deito.

Vejo as mensagens da Deia. Ela é linda. Um dia me caso com ela. Um dia. Quer que eu vá num churrasco na casa da tia da prima dela. Não vou conhecer a família dela agora, a gente só fica. É, faz quase um ano, mas a gente só fica. A gente não fica com mais ninguém, mas a gente só fica.

Largo o celular na cama e não respondo à Deia; preciso pensar numa desculpa pra não ir a esse churrasco.

Hoje à tarde é dia de "contra". Lá na quadra da "Santa Davina", às quatro da tarde. Dá tempo de jogar, tomar todos os refrigerantes daqueles pregos da rua, voltar, tomar um banho e ir pra escola à noite.

Olho pelo quarto e vejo meu único par de tênis, todo esfolado, quase abrin-



do o bico. O Diego podia me emprestar um dele, ele tem vários. E não joga nada. Faz a vez na zaga, mas é um perna de pau que só por Deus, viu!

Sento na cama e começo a digitar uma mensagem pro Diego.

Pior que não dá nem pra pedir dinheiro pro meu pai pra comprar um novo par. Ele só vem terça-feira pra casa, hoje ainda é sexta. “É, vida é estrada”, ele fala assim. Vou passar o fim de semana sem grana, me dei mal. Se eu pedir pra minha mãe, ela não vai me dar. Vai reclamar que eu não ajudo em casa, que eu não faço um curso, que eu não me interesso por nada, enfim, que eu não me pareço nem um pouco com o Kevin. Não vejo a hora de fazer meus 18 anos.

Quem é o Kevin?! O Kevin é meu irmão mais velho. “O Modelo”. Serviu o Exército, saiu e fez faculdade de Administração, foi um dos melhores da turma, e agora abriu o próprio açougue! É, *nice!* Um gênio! Eu não quero trabalhar num açougue! Acho que seria um desperdício eu trabalhar lá. Vou trabalhar na Apple ou na Google, talvez. Só preciso passar no vestibular. É, eu sei, eu vou começar a estudar. Mas não vai ser difícil, porque eu sou bom em *games*, e logo sou bom em Matemática, a área de maior peso para o curso que vou prestar. “Desenvolvimento de *software*”. Fácil.

Levanto e vou em direção ao banheiro.

Passando pela cozinha, olho no calendário: hoje é dia 21 de setembro, faltam dois meses para o vestibular, preciso começar a estudar. De verdade! Faltam três meses para terminar a escola, dois meses e meio talvez, porque nas últimas semanas ninguém mais vai, mas falta só uma semana pra eu fazer 18 anos. E eu vou dar uma festa... e vai ser um arregaço!

Vou para o banheiro escovar os dentes. De lá, ouço a porta da sala abrindo e dona Lurdes berrando: “Bruuuunnnno, levanta, já é mais que meio-dia, rapaz! Você não nasceu com a vida ganha, não! O mundo girando e você aí dormindo, vamos!”

Coloquei a cabeça pra fora do banheiro, pra ela me ver e parar de berrar.

“Ahh, tá, já levantou! E ainda está de pijama? E a faxina? Já fez? Não! A louça das *pizzas* que você e a Deia comeram ontem, já lavou? Não!”

Esqueci a porcaria da louça! Na verdade, essa louça surgiu agora, acabei de passar por ela pra vir ao banheiro e ela não estava ali. Afe! Minha mãe não para de falar, e não importa pra ela se estamos prestando atenção ou não, ela repete bastante, não tem como não ouvir uma hora. No geral, ela reclama de mim e do meu pai, ou elogia o Kevin. Ela está com uma sacola a tiracolo, com os vários perfumes de vários catálogos diferentes que ela vende no salão de cabeleireiro construído em uma parte da garagem da nossa casa.

Está de coque no cabelo, uma blusinha florida, saia abaixo dos joelhos e sandálias de salto. Ela se arruma sempre, pra passar boa impressão para as clientes. Ela montou essa loja sozinha, já que meu pai vem bem pouco pra casa.

Meu pai também comprou o caminhão dele sozinho, devagar, juntando de frete em frete com o caminhão que ele alugava, até conseguir o valor da entrada pra comprar esse novo.

Meu irmão também fez a faculdade sozinho, sem a ajuda dos meus pais. Já trabalhava em telemarketing e cursava Administração. Assim que terminou os estudos, montou o projeto do açougue e conseguiu o financiamento.

Ela não para de falar.

Termino de escovar os dentes e saio do banheiro, bem na hora em que ela diz:

– Sua avó Miranda, suas tias e seus primos de Jaú vêm pra cá no feriado do dia 12 de outubro, e a Miranda vai dormir no seu quarto. Você vai pra cama do Kevin, e sua avó fica na de baixo, por isso, **CORRE!** Vá fazer a faxina no seu quarto!



2

11:45

21 de setembro de 2017
↗ O salão de Dona Lurdes

Dona Lurdes lavava o cabelo de Margarete, uma cliente do salão e consumidora dos seus cosméticos de catálogo. A TV estava ligada em um programa que comentava a vida de artistas famosos, e havia uma moça um pouco mais nova que atendia os clientes no balcão. A repórter do programa de TV entrevistava um jovem de 18 anos que estava indo muito bem na novela de horário nobre, já que estudou teatro e vem de uma família de artistas, inclusive seu avô atuou na mesma emissora e gravou discos. Ao fim da fala da repórter, Margarete comentou com as amigas:

– Assim, também, com família apoiando desde pequeno o garoto, claro que ele vai bem.

E dona Lurdes na sequência disse:

– Ah, Margarete, mas tem que ter esforço do garoto também, não adianta ter só dinheiro e condição. Se o garoto não quisesse mesmo, não ia fazer as cenas como está fazendo na novela! O menino é bom, ele tem talento, vá!

– Mas com dinheiro fica mais fácil arrebentar, né, tia? – disse a jovem moça no balcão.

Margarete comentou:

– Claro que fica, menina. Olha se todo garoto por aí tem a chance de trabalhar numa novela! Primeiro que isso nem é trabalho, né? É um trabalho assim, moleza, suave...

– Ué, trabalho é sim, esses artistas são todos ricos – falou a jovem.

– Claro que é trabalho, Margarete, e não são todos que têm a chance de entrar, não, por isso que é trabalho. Eles fazem testes e têm que decorar textos. É trabalho, sim, hem! – concluiu dona Lurdes.

O programa de TV que comentava a vida dos famosos fez um intervalo e entraram os comerciais. Margarete, na sequência, perguntou:

– E seus meninos, Lurdes, como estão?

– Estão bem. Kevin abriu um açougue na Av. São Miguel. Estudou o mercado, fez projetos, está indo bem!

– Eu ouvi falar. Que beleza, Kevin sempre foi um menino bom!

A jovem no balcão acompanhava a conversa atenta, como se aguardasse ouvir algo.

– Sim, Kevin é um moço muito esforçado, focado, organizado, sempre quis ter a própria empresa!

A jovem no balcão sorriu, baixando e balançando a cabeça. Margarete percebeu a reação da jovem e perguntou pra Lurdes:

– E o outro, Lurdes, o mais novo, como está?

Na hora dona Lurdes mudou a feição e balançou a cabeça para o lado, em sinal negativo.

– Ah, menina, esse daí não tem jeito. Não quer saber de nada com nada, é *video game*, futebol e dinheiro. Não quis servir o Exército, como o irmão, e se alistar no interior, lá em Jaú, onde nós temos parentes, nada disso; se alistou aqui em São Miguel mesmo e já foi dispensado. Está esperando a Reservista sair no final do ano, daí nem está procurando emprego, né, tem que esperar sair.

– Pois é, menina, coisa mal organizada essa do Exército, né, que o garoto tem que ficar esperando passar toda a fase do Exército pra arrumar um emprego com registro na carteira. É a mesma coisa com Marquinhos.

– Mas muitos jovens já arrumam um estágio, um primeiro emprego com menos tempo de trabalho; nem isso Bruninho quer.

– Marquinhos diz que quer fazer faculdade, quer fazer Educação Física. Tá bom, né? Vive correndo atrás de bola, mais o Bruno e o Diego.

– Pois é, mas Bruno não quer Educação Física, não, diz que quer informática, fazer jogo de computador. Agora me diga você, *video game* lá é trabalho, Margarete? – perguntou, já gargalhando.

– Diz que agora é, não é? – respondeu a amiga, gargalhando também.

A jovem olhou para o relógio, que marcava 11:53, quase horário do almoço. Então ela tossiu para chamar a atenção de dona Lurdes e disse:

– Dona Lurdes, eu já posso almoçar? É quase meio-dia.

– É namoro, viu, Margarete? Bruninho só quer saber de namorar, não quer nada com nada da vida, quer é arrumar uma moça boba que sustente o *video*

game e o futebol dele! Mas vá, Andreia, vá almoçar, sim, minha filha, e volte às 13 horas.

– Obrigada, dona Lurdes!

Enquanto Deia tirava o avental e se encaminhava para sair do salão, dona Lurdes perguntou:

– E a louça, Deia, a louça das *pizzas* de vocês ontem à noite, vocês lavaram?

– Acho que sim, dona Lurdes. O Bruno me disse pra deixar lá que ele lavaria antes de dormir, porque já estava ficando tarde.

– Eu sei, fui eu que avisei que estava ficando tarde.

– É mesmo, hehe, dá licença, dona Lurdes. Com licença, dona Margarete.

Deia saiu do salão em direção a sua casa para almoçar, olhando as mensagens no celular para ver se Bruno já havia respondido sobre o churrasco e perguntar da louça. Não. Não tinha visualizado, menos ainda respondido. Ainda eram 11:58. Bruno não acordava antes do meio-dia.



3

15:45

21 de setembro de 2017
↗ A quadra da Santa Davina

Termino de organizar a mesa do computador do meu quarto, mas ainda faltam as roupas no chão. Preciso terminar logo, me trocar e ir pra quadra, não vai dar tempo de separar roupa limpa de suja, dobrar e guardar tudo no guarda-roupa. Sou estratégico, junto toda a roupa num bolo, amontoou no guarda-roupa e fecho a porta. O guarda-roupa é só meu, posso deixá-lo como quiser.

Já lavei a louça. Pouca coisa, na verdade, alguns copos e pratos sujos só. Minha mãe que faz drama.

Troco de roupa, calço o tênis todo arreventado e pego a bola que meu pai me trouxe da Bahia. Meu pai conhece quase todo o Brasil. Começou a viajar de caminhão ainda moleque, mais novo que eu, ele já era “chapa”. De cada lugar que ele vai, traz um presente pra alguém; quando foi para o Rio Grande do Sul, trouxe uma cuia e uma bomba de chimarrão pra minha mãe, meus avós maternos são de lá. Pro Kevin ele trouxe um tambor grandão, cheio de cordas do lado, quando ele foi pra Pernambuco. Como é mesmo o nome do tambor? Alfaia. Isso, alfaia. Os avós de meu pai são de lá, mas ele cresceu em Jaú, interior de São Paulo. E pra mim ele trouxe uma bola de futebol do Vitória, da Bahia! Eu sou corintiano, mas ele torce para o Vitória, fazer o que, né! A bola é da hora!

Meu celular acende as luzes, chega mensagem no aplicativo. Abro e vejo, é do Diego:



– E aí, mané? Não vem, não? Tão quase colocando o Marquinhos no seu lugar! Kkk.



– Cê é loko? Avisa aí que tô saindo! Em cinco minutos tô aí!



– Tá.

Há mais mensagens para serem lidas, algumas de grupos de zoeira, outros de escola e a mensagem da Deia pra responder. Ela está *on-line*. Nossa, ela mandou a mensagem da festa da tia da prima dela eram 9 horas, quem levanta às 9?

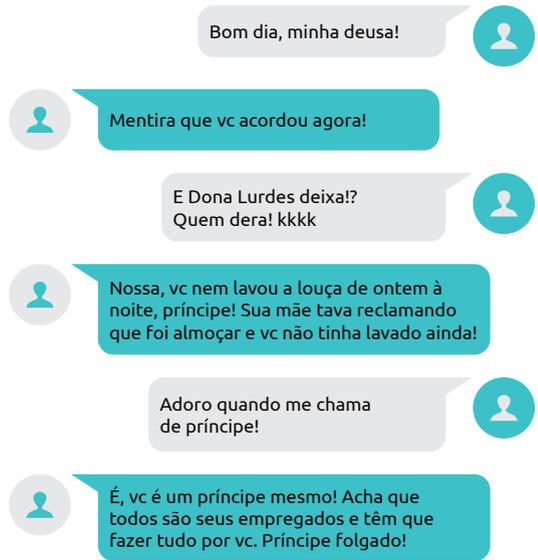
Visualizo e não respondo. Nessas horas é melhor ficar quieto. Nossa, mas a Deia tá ficando igualzinha a minha mãe, reclama de tudo. Ela para de digitar e só está *on-line*. Acho que não vai escrever mais nada, me livrei de responder sobre a festa!

Largo o celular na cama, pego a bola e a camiseta do nosso time e saio pra quadra.

A camiseta do nosso time é da hora! As letras entrelaçadas VFC ficam parecidas com o símbolo do Vitória Futebol Clube. Meu pai curte, desde que nunca saiba o real nome do time: Vagabonds Futebol Clube.

A quadra da Santa Davina fica na entrada da vila. O que divide a nossa vila do centro do bairro é um córrego que deságua no rio Tietê, um dos rios que cortam São Paulo. A quadra é pública e seminova, tem traves de futebol e tabelas de basquete, mas, como na maioria das quadras públicas que vemos por aí, os aros da tabela foram arrancados, e daí não tem que dividir horário com outros esportes. A quadra também não tem rede de proteção, é aberta, tela de proteção só em *society* ou em salão de time próprio ou clube. Na verdade, temos que agradecer que a prefeitura construiu uma quadra pública ali, onde antes muitas mulheres foram assaltadas à noite. Os assaltos diminuíram.

Já estão todos lá, me esperando. Assim que me veem, já assobiam e gritam: "Aeee, o artilheiro chegou!" Eu gosto disso. Só não gosto de olhar para os tênis dos caras e ver que o meu é o pior. Uns caras de chuteirinha pra salão e outros com tênis normal pra jogar na rua, e o tênis do Diego era muito louco. Modelo novo, apesar de estar usado e meio sujo, mas está novinho. E pra um perna de



pau desses! Esse tênis na minha mão, ou melhor, no meu pé, eu faria um estrago, ou melhor, vários golaços. Mas o Diego não vai me emprestar, ele vai jogar também. Chego com a bola e já tiramos par ou ímpar. Eles ficam com a bola e a gente, com o lado da quadra que está na sombra, pra cansarmos menos. Nosso goleiro oficial não veio, colocamos um substituto, que não é tão bom, mas quebra o galho. Seis pra cada lado: cinco na linha e um no gol. Começamos o jogo.

– Vai, mané, presta atenção!

– Toca a bola, fominha!

– Nossa, quase, na trave!

Acabo de acertar um chute na trave, a bola resvalou no zagueiro do time da rua 5 e foi pra fora. Escanteio. O Diego foi lá pra cruzar. Ele toma distância e chuta. Pega tão torto na bola que ela vai para o nosso campo de defesa; o atacante do time da rua 5 se adianta, pega a bola e fica sozinho com o nosso goleiro. Chuta com classe no canto esquerdo, golaço.

– Ahaha, dessa vez não vai ser fácil, não, hem, vagabond! – falou o goleador da rua 5.

– Ae, Diego, você é muito ruim, véio, por que não cruzou pra área?

– Eu ia cruzar, mas peguei mal na bola.

– Todo mundo viu, seu ruim. Vai, vamos sair.

Saímos do centro da quadra e estávamos tocando a bola, estudando a melhor chance, e o jogador mais fraco da Rua 5 ia forçar drible em cima dele, só que ele estava defendendo na direita, e eu, atacando na esquerda. Toco a bola de lado pro Diego e faço a triangulação pra sair lá em cima, na ponta direita. Toco e corro, o Diego toca a bola pro Marquinhos e ele devolve pro Diego. Assim que o Diego recebe a bola,



de cabeça baixa, perde a bola pro goleador da rua 5, que avança até o meio da quadra, com o Diego correndo desesperado atrás dele. Ele percebe e puxa a bola de calcanhar, rolinho no Diego, toca a bola pro lateral, que senta o dedão de primeira no nosso goleiro. No ângulo direito. Golaço. 2 a 0 pra rua 5. Na hora, os outros caras do time começam a reclamar e a pressionar o Diego:

- Você é ruim demais, seu *nerd!*
- Levanta a cabeça pra receber a bola, ô, mané!
- Pelamor, Diego, assim não dá não, meu, você não vem mais.

Eu nem falo nada. Só pego a bola e vou para o centro da quadra. Recomeçamos o jogo, e os moleques da rua 5 começam a fazer graça assim que roubam a bola, toquinhos de calcanhar, botam o Diego na roda e dão mais um rolinho nele. É visível que ele está atordoado, nervoso. Encosto perto dele pra ajudar a marcar; o goleador da rua 5 dá uma carretilha no Diego. Na hora e antes de a bola cair, chego firme na canela do garoto e faço a falta. Na hora todos gritam:

- Ô, Bruno, calma, meu!
- É, mano, é só um jogo!
- Chega na moral, Bruno!

Eu respondi:

– Futebol é jogo de homem, tio, joga e para de graça. Foi falta, cobra aí e segue o jogo!

Dou a mão pra ajudar o goleador a levantar, em gesto amistoso. Eles maneiaram com as gracinhas, e o Diego fica mais atento. Percebe que cheguei forte pra intimidar os moleques da rua 5 pra pararem de graça com ele. Só que o inesperado acontece, o que ninguém contava que ia acontecer, aconteceu. O Diego fez um gol! É gol do Diego! Só que foi assim, o time da rua 5 estava atacando e eu roubei a bola e toquei pro Dudu, o Dudu tocou pro Rômulo, que adiantou pro Marquinhos. Eu não fui pra frente, estava no meio da quadra pra marcar, já que quem deveria marcar forte era o Diego. O Marquinhos recebeu a bola e olhou pra minha posição, eu não estava lá, mas quem estava passando por trás dele pra fazer um corta-luz? O Diego. Ele olhou pra minha cara e fez uma cara de que “não tem jeito” e rolou a bola de letra pro Diego chutar. Ele estava no meio da passada, tinha que arrumar pra bater com o pé direito. Ele não fez isso. Chutou de primeira, com toda a força que tem na perna esquerda, uma bomba. Assim que ele chutou, rolou e caiu no chão. A bola foi exatamente no ângulo e passou. Gol. Passou da trave e da mureta da quadra e continuou

subindo... até cair no córrego e ser levada para o rio Tietê. O Diego levantou do chão, perguntando:

– Foi gol?

– Foi.

– Aeeeeee! Fiz gol!

– Agora olha lá na frente, no rio, e vê onde a bola está.

– Ô, Bruno, foi mal. Me desculpa, eu não queria...

– Foi mal? Foi péssimo! E agora? E minha bola?

– Eu te dou outra, mano.

– E vai buscar lá na Bahia? Foi meu pai quem trouxe aquela bola do Vitória, mano, e agora vou ficar sem bola?

– Me desculpa, cara, foi sem querer.

– Você é muito ruim, Diego, não sei pra que vem com esse super tênis pra jogar na quadra se você não joga nada. Aliás, não vou ficar no prejuízo, não, não quero saber, vai, tira o tênis e me dá, mano.

Na hora todos na quadra ficam em silêncio, talvez desacreditando que eu faria aquilo com o meu amigo. Mas ninguém se entrepõe, e pra frisar que estou falando sério, me sento no chão, começo a tirar o meu próprio tênis e grito:

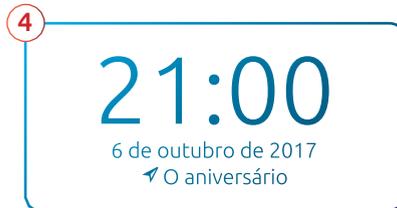
– Vamos, Diego! Você é surdo? CORRE, dá o tênis, *boy!*

– Diego se senta e começa a desamarrar o tênis.

O lateral do time da rua 5, que mora ali bem perto da quadra, vai até a casa dele e pega a sua bola, mais velha e meio murcha. Mas dá pra continuar o jogo.

Perdemos de 4 a 1.





Tem gente pra caramba aqui! Esbarro num cara que eu nunca vi passando com um copo de vidro da minha mãe. Ele me olha e diz:

– E aí, Bruno? Feliz aniversário, cara! Prazer, eu sou o Eli. Festa maneira!

E sai disparado quintal afora, misturando-se no meio do povo na festa. Minha mãe me recomendou:

Só família e amigos!

Veio gente da minha família, vieram amigos, amigos dos meus amigos, parentes dos meus parentes e amigos dos parentes dos meus parentes. Está descontrolado. Meus tios e primos saíram pra comprar carne e carvão, pois em breve vai acabar novamente. Festa na minha família é assim: muita comida e música, muita música. Toca samba na caixa de som na parte da frente da festa, mas tem um grupo de samba na parte dos fundos do quintal, que também está cheia. Ali, a Deia, com mais duas amigas da escola.

– Oi, Linda, está tudo bem?

– Está, sim. Parabéns. Felicidades, do fundo do meu coração. Eu quero que você saiba que eu gosto muito de você.

– Obrigado, Deia. Eu também gosto muito de você.

– Hummmmm.... – soltam em uníssonos as duas amigas.

E lá da frente da festa ouço alguém gritando “Bruno!”. Saio dali e vou lá pra ver. É o Marquinho, filho da Margarete, acompanhado do Diego e de mais três garotas lindas que eu nunca tinha visto!

– Feliz aniversário, Brunão!!!! – e me abraça. O Diego se aproxima e me cumprimenta também, com menos entusiasmo. Acho que ele percebeu que eu estou com o tênis que era dele.

– Feliz aniversário.

– Valeu, Diego.

– Essas aqui são Tamara, Tamires e Tawane – apresenta o Marquinhos.

– Muito prazer.

Eu fico um tempo ali, conversando com Maquinhos, Diego e nossas três novas amigas. Vejo meu tio e meus primos chegarem, vejo minha mãe passar, conversando animadamente com duas clientes do salão. E vejo uma presença inesperada chegar, de certa forma eu já esperava, sim, mas naquele momento foi surpresa: Kevin.

– Feliz aniversário, meu mano. – E já me enlaça com seu braço pelo pescoço.

– Valeu. Não sabia se você viria.

– Fechei o açougue mais cedo e vim pra festa do meu irmãozinho caçula, ué! Cadê a mãe? E o pai, vem hoje ou só terça? E a Deia? Vocês estão juntos ainda, né? Já pediu ela em namoro?

– A mãe tá por aí, o pai só vem terça, e eu e a Deia somos amigos, só ficamos.

– Rapaz, isso vai dar ruim qualquer hora, hem! Veja lá, cuidado com a moça, ela gosta de você! Bem, eu não sei se você já tem, mas todo mundo tá falando desse jogo por aí, então trouxe pra você - Ele tira de dentro da jaqueta que estava usando um jogo original de *video game* recém-lançado, de um templário caçador da era medieval!

– Haha, que louco! Obrigado, Kevin.

– De nada, você merece. E a “facul”, vai passar? Está estudando?

Pergunta, mas, sem esperar a resposta, já vai andando em direção à roda de samba do fundo do quintal. Ele conhece todo mundo ali, mas Diego ouviu a pergunta do meu irmão sobre os estudos, e nos olhamos nessa hora; fico em silêncio. Nós havíamos combinado de estudar juntos há algumas semanas atrás, antes do contra com a rua 5. Não, não estou estudando, não.

Vou em direção à casa pra guardar o jogo, e uma das garotas novas, acho que é a Tamara, me pergunta onde era o banheiro, digo que me siga. No caminho, passo novamente pela Deia e as amigas. Só nos olhamos e sorrimos. O Kevin já está na roda de samba. Chegamos na cozinha e aponto o banheiro pra Tamara. Tem uma pessoa na frente, e ela diz:

– Espere aqui um pouco comigo, eu não conheço ninguém.

– Tá, eu vou ali no meu quarto guardar o jogo e já volto.

Vou em direção ao meu quarto, entro, coloco o jogo perto dos outros e, ao me virar, dou de cara com ela, Tamara, no batente da porta de entrada do meu quarto. Ela diz:

– Eu também trouxe um presente pra você.

Não respondo nada. Nessas horas é melhor não dizer nada. Ela se aproxima de mim e toca meus lábios com os seus, delicadamente e de olhos fechados, depois se afasta um pouco e fica olhando nos meus olhos, esperando alguma reação. Por alguns segundos ficamos em silêncio, mas o silêncio é quebrado com a Deia, que provavelmente viu tudo, pois a porta estava aberta:

– Eu vou fechar aqui pra deixar vocês mais à vontade! - E bate a porta.

– Sua namorada? Desculpe, eu não sabia, vocês não usam aliança.

– Não, quer dizer, não sei, somos amigos, a gente fica.

– Melhor ir atrás, né?

– É.



E saio do quarto em disparada pra rua. Eu não tive culpa, essa menina que veio atrás de mim e me beijou. Foi só um beijo também. Será que a Deia viu o beijo? Ou será que ela viu tudo? Droga! Saio na rua, que está lotada de gente da festa também, e vejo a Deia andando apressada, lá na frente. Corro e a alcanço:

– Ei, espere, Deia, você não entendeu...

– Não entendi? O que eu não entendi? Que você quer ficar com aquela mina, Bruno? Claro que eu entendi.

– Eu não quero ficar com ela, eu nem a conheço, ela foi atrás de mim e me beijou.

– Ahhhh, agora a culpa é dela, e ela descobriu o caminho do seu quarto sozinha também, Bruno? Colocou uma faca no seu pescoço pra te forçar?

– Olha, não é nada disso, tá bem? Ela só me deu um selinho, e assim que viu você já me mandou vir atrás, ela não sabia que a gente fica.

– Ninguém sabe, né, Bruno?

– Essa história de novo? Nem é sobre isso que a gente tá conversando!

– É exatamente sobre isso que a gente tá conversando, Bruno. Seriedade. Assumir as responsabilidades dos seus atos. Empatia, se colocar no lugar do outro. Como você acha que eu me senti vendo você beijando outra mina?

– Não sei, Andreia, acho que não deveria sentir nada, afinal nós não temos nada.

– Nós não temos nada? Nada?

– A gente fica.

Ficamos ambos em silêncio por um momento. Sabia que tinha dado ruim, mas não sou o culpado, a menina realmente tinha vindo atrás de mim, eu nem sonhava em ficar com ela, mas como explicar isso pra Deia? Eu gosto dela. Não quero magoá-la, mas não quero alguém me cercando e me seguindo, com crises de ciúme sem sentido. Ela rompe o silêncio:

– Tem razão. Nós não temos nada - Ela se vira e sai andando. Eu não sei o que dizer, talvez nem tenha algo a dizer, eu disse a verdade.

Olho pra festa, e ela ainda está bombando. Volto pra lá, e a Tamara já está com Diego, Marquinhos e as outras duas garotas.

– Consegui ir ao banheiro?

– Consegui, sim. Obrigada, Bruno.

– Por nada, Tamara. Divirtam-se - Eu ia saindo, quando a Tawane diz:

– Maneiro seu tênis, hem, Bruno!

Diego e eu nos olhamos e respondo:

– É.

Saio em direção aos fundos da festa.

Não está sendo nada como eu imaginei. Havia imaginado todo mundo alegre, contente, se divertindo. Pra mim não está mais legal. Pra Deia não está mais legal. Para o Diego não está sendo muito legal. Tudo em uma única noite, bem na noite do meu aniversário, o que mais pode dar ruim, não é? Já são 2 horas, e isso aqui ainda está lotado. Vai longe.

Minha mãe vem andando na minha direção:

– Tá gostando da festa, filhote? Olha só, todo mundo que você queria veio! Legal, né?!

– É, tá legal, sim, mãe, obrigado. Por tudo. Eu amo você.

– Eu também amo você, meu filhote, meu caçulinha, nós todos amamos muito você, viu? Eu, seu pai, seu irmão e toda a sua família. Não tenha medo, sei que pode assustar esse negócio de fazer 18 anos, mas vai dar tudo certo!

– Obrigado, mãe.

Ela me abraça. Gostoso. Não tem coisa melhor que colo de mãe, né! Meu irmão chega e abraça nós dois.

– Parabéns, maninho! Sucesso! Bem-vindo aos seus 18 anos, a maioridade, né? Tem outro mundo esperando você, cara!

– É, imagino. Tô ansioso pra ver.

Estou, mas não estou. Na verdade, estou querendo é ver o meu pai. Nessa hora, o tio Roberval se aproxima e entrega o celular da minha mãe pra ela, dizendo que era meu pai. Ela entra dentro da casa pra ouvir, pois o barulho no quintal é imenso.

– Já, já, ela chama você pra ele dar os parabéns – diz o tio Roberval.

Mas não chamou, não. Ela sai no quintal com o telefone desligado já, e chama o Kevin e eu pra dentro. Nós estranhamos, mas entramos os dois.

– O pai de vocês está em Minas Gerais. Foi fazer um frete de chapas de aço do sul de Minas até Belo Horizonte, estava só com um ajudante. Pra adiantar o serviço e voltar logo pro seu aniversário, ele foi ajudar a descarregar o caminhão.

– Ai, meu Deus! – dispara Kevin.

– Ele pegou uma das chapas de mau jeito e deixou cair no pé.

– Mas ele está bem, mãe? – pergunto.

– Está, só quebrou o pé e não vai poder dirigir o caminhão até se recuperar. Ele me disse que botou pino e está com vários ferros no pé.

– Meu Deus! E como não era pra ele estar ajudando a descarregar, a transportadora não vai cobrir despesas com médicos e cirurgia, não é, mãe?

– Isso, Kevin. As coisas vão apertar agora, meus filhos.

Então, quase sussurrando, falei sem querer:



05:00

7 de outubro de 2017

Acordo espontaneamente. Não dormi bem e pressentia que algo estava para acontecer.

Vou até a cozinha beber algo e vejo um amontoado de bolsas de viagem na sala. A porta está meio aberta e posso ver um táxi estacionado lá na frente. Era minha mãe. Levava quatro bolsas pesadas de uma única vez, eram coisas dela e do meu pai, já que ele demoraria pra ter alta. Ela está indo lá pra cuidar dele. Havia muitas bolsas mesmo, e minha mãe teria que fazer várias viagens da sala até o táxi.

Não sei o que fazer, fico olhando aquela cena atônito e sem reação. Até que minha mãe, com as bolsas na mão, titubeia ao quase virar o salto. Eu, de pronto, a apoio e ajudo a se recompor. Ela me afasta com o braço, fazendo menção de que não precisava de ajuda. Ela se recompõe sozinha, se vira pra mim, coloca as malas no chão e estica sua mão, tocando a minha face. Nesse momento, suas lágrimas começam a rolar, mas ela sorri, mesmo chorando.

Não entendo o porquê, mas sinto vontade de chorar também. Sinto o gosto salgado dela nos meus lábios. Choramos os dois e depois passamos a sorrir. Choramos e sorrimos um para o outro.

Naquele momento, sinto uma sensação diferente, um arrepio nas costas. Sinto que preciso ajudar. Que preciso correr.



É frio de madrugada. Várias pessoas acordam nesse horário para trabalhar. Os pontos de ônibus já estão cheios. Ainda bem que dá pra ir a pé pro açougue. Prefiro. É mais calmo esse horário, mais quieto.

Os primeiros dias são os mais difíceis de acordar nesse horário. Os olhos ardem e meio que se fecham sozinhos, de tão pesados que ficam. Se eu não acordar e já levantar, eu durmo de novo. Mas meu irmão me ensinou um truque: assim que ouço o despertador, eu sento na cama e deixo ele tocar, depois levanto e acendo as luzes; isso provoca uma reação nos meus olhos e, quando os abro, eles não ficam tão pesados. Só então desligo o despertador. E tem outra coisa: o barulho. Se eu colocar um barulho irritante, estrondoso ou escandaloso, é bem capaz que eu acorde assustado, e isso vai me irritar e vai mexer com meu ânimo durante o dia. É melhor agudo e repetitivo pra mim, pois me desperta e não me irrita. Assim, com esses esquemas que o Kevin me passou, eu acordo mais rápido e mais tranquilo.

Acordo, me sento, respiro, levanto, acendo as luzes, e a iluminação provoca um choque nos meus olhos ainda fechados. Então abro os olhos, vou em direção ao despertador e o desligo. Vou ao banheiro. No caminho, passo pela cozinha e vejo a pia de louça limpa. Lavei ontem, assim que cheguei, antes de dormir.`

Passo pelo calendário e vejo: 10/10/2017. Amanhã minha avó Miranda chega. Depois de amanhã é dia 12 de outubro. Feriado pelo dia de Nossa Senhora Aparecida e festa das crianças aqui na rua.

6:05. Vou colocar o lixo lá fora e recolher as toalhas do varal. É bonito. Começa a clarear o dia. Dá pra perceber o céu clareando devagarinho e ir se colorindo; aos poucos os sons vão invadindo o dia, passam algumas pessoas por mim e vão saindo outros vizinhos pra rua. Os bons-dias gratuitos seguidos de "Dia", mesmo sem as pessoas se conhecerem. Mas parece que se conhecem, acho que alguma coisa liga toda essa gente que vive se cumprimentando cedo,

mesmo sem se conhecer. Talvez seja porque é cedo e tranquilo, ou porque sabemos que acordamos cedo pra viver a vida, ou porque é bom alguém nos desejar que o restante do nosso dia seja bom, já que está no comecinho dele, né. Sei lá.

– Bom dia, Bruno.

– Dia – respondo a uma mulher que passa. Devia ser alguma cliente do salão.

Tomo um banho rápido, visto uma roupa, tomo um copo de leite com café e saio.

No caminho para o açougue, passo perto da casa do Diego. Olho pra baixo e vejo os tênis que eram dele. Preciso lavar. Às 7 horas o caminhão da entrega chega, e eu já tenho que estar lá, de capa e galochas pra ajudar a descarregar as peças, que pesam. No começo, nos primeiros dias, parecia que eram mais pesadas, mas acho que, como tudo, a gente se adapta e enfrenta. Já levo peças de 50 quilos do caminhão até o frigorífico, e são uns 20 metros, em menos de três minutos. Meu irmão leva duas de 40 quilos. Eu chego lá.

O vestibular está perto. E o pior é que só tenho o fim de semana pra estudar. Entro no açougue às 7, e vou até as 17:00, depois é escola, das 19:00 até as 23:00. Tá puxado.

Se eu chegar logo, arrumar tudo, tomar um banho e dormir antes da meia-noite, eu durmo 5 horas e 50 minutos. Isso pra quem dormia 12 horas, ou até mais, algumas semanas atrás!

Dobrando o próximo quarteirão, eu passo perto da casa da Deia. Já, já ela deve acordar pra ir para o salão da minha mãe. Agora que minha mãe está em Belo Horizonte pra cuidar do meu pai no hospital, até ele poder vir pra São Paulo, é ela que abre e administra tudo pra minha mãe. Não nos falamos e nem nos vimos mais a sós desde a



minha festa de aniversário. Será que ela não consegue entender que eu não tive culpa? Bem, eu também poderia ter evitado...virado o rosto, dito que eu tinha uma pessoa. Mas eu quis. Eu quis aquele beijo, e não tenho mais a minha amiga. A gente se olha e se cumprimenta quando nos vemos na escola ou quando venho almoçar e ela está fechando o salão, mas não conversamos mais desde o meu aniversário. Eu sinto falta das nossas conversas, das nossas risadas juntos, do seu abraço, do seu beijo.

Preciso focar nos estudos, isso sim, arrumar tempo pra estudar e passar nesse vestibular logo.

Será que meu pai vai demorar muito pra voltar a dirigir o caminhão? Quanto tempo será que vou ter que ficar trabalhando com meu irmão pra ajudar nas contas da casa?

6:35. Tem várias pessoas na rua. Os sons dos carros, das motos, dos ônibus, das conversas, das reclamações e dos risos, tudo invade o dia, e a essa hora eu já não tenho mais sono. A cidade acordou. A Praça do Forró, em São Miguel, já parece o centro de São Paulo a essa hora. Um formigueiro. Ainda tenho uns 20 minutos de caminhada até o açougue, e acho que já deve ter uns dois funcionários que acordam mais cedo, por morarem mais longe, e já devem estar lá. É, a cidade acorda cedo. Acorda pra viver.

6:55. Chego em frente ao açougue e o Júnior e o Cláudio, os dois funcionários que moram mais longe, já estão lá na frente, aguardando, e meu irmão vem na mesma calçada, um pouco mais à frente, na direção do açougue, pra abrir e recebermos as carnes.

– Bom dia.

– Dia.

Às 7 da manhã chega o caminhão e começamos mais um dia de trabalho.

6

22:30

11 de outubro de 2017

↗ A escola

O professor eventual acaba de escrever na lousa verde com o giz pequeno e branco: "Projeto de vida".

Ele já havia pedido que sentássemos em roda, o que fez com que vários alunos já chiassem, por preguiça de virar as cadeiras, mas acabaram virando. Esse professor é da hora! Frequentava a minha rua, era amigo de alguns dos moradores, organizadores do Levante Cultural e ajudava a organizar também. Escreve poesias, já fez alguns filmes, sei lá. Fala na gíria com os alunos nos corredores e cumprimenta fora da escola. Alguns professores não gostam muito do jeito dele de trabalhar; ele sabe, mas não liga. O fato é que ele dá bastante aula na escola no período noturno, porque vários professores faltam. Otávio.



"PROJETO DE VIDA"

Ele pega um saco de bexigas de cima da sua mesa, começa a distribuir uma para cada um e diz:

– A gente vai fazer uma dinâmica rapidinha antes de começar a conversar sobre o tema que eu separei pra aula de vocês hoje, que é o seguinte: vocês vão escrever como veem a vida de vocês daqui a três anos, se vão estar casados, se vão estar na faculdade, trabalhando com o que desejam, se vão estar morando aqui em São Miguel mesmo. Vão cortar esse papel, dobrar e colocar dentro da bexiga. Depois vão encher a bexiga, amarrá-la e vão começar a brincar dentro do círculo que eu vou desenhar ali, no centro da roda. Se a bexiga cair no chão, vocês estão fora do jogo. Se saírem do círculo, estão fora também. Vamos lá? Ninguém é obrigado a participar, mas estão prestes a terminar a escola, então, bora, que quem está na chuva é pra se molhar!

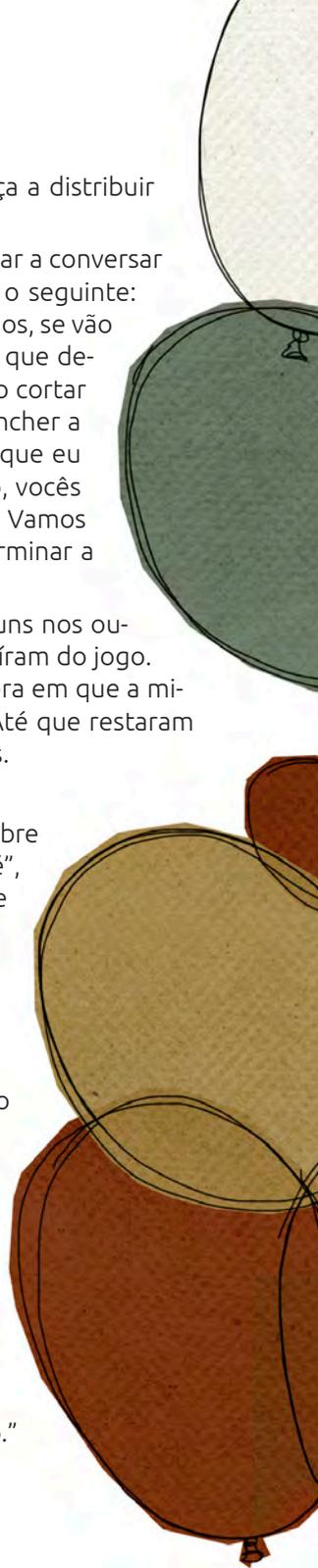
Eram muitos alunos em um círculo pequeno. Esbarramos uns nos outros, e alguns rapidamente deixaram suas bexigas cair e já saíram do jogo. Outros pisaram fora da risca e já se sentaram. Houve uma hora em que a minha bexiga quase caiu, mas uma aluna do lado me ajudou. Até que restaram poucos alunos no jogo, e então Otávio pediu que parássemos.

– E aí, como foi pra vocês?

Os alunos passaram a falar como sentiram a experiência, sobre o pouco espaço e o esforço pra manter os objetivos “em pé”, e diversos outros pontos que me fizeram pensar sobre o que eu estava fazendo pra alcançar meus objetivos. Trabalhar no açougue do meu irmão não é necessariamente o meu projeto de vida. Escrevi no papel: cursando faculdade, namorando e estagiando numa empresa de *software*. E foi essa a questão levantada pelo Otávio.

– Agora que vocês já pegaram o espírito da coisa, quero que compartilhem com todos o que vocês estão fazendo pra alcançar seus objetivos. Vocês não precisam falar quais são os planos, somente o que vocês estão fazendo para alcançá-los.

Vários alunos falaram que estavam estudando para o vestibular; uma garota disse que estava fazendo cursinho pela manhã e estudando à noite. Outra garota disse que já estava comprando fraldas. Aos poucos, os próprios alunos foram abrindo os seus planos para todos na roda, mas a grande maioria dizia “arrumar um trampo”. Eu respondi: “tô acordando cedo.”





Todos na sala riram.

É importante que vocês pensem nos objetivos e façam planos, mas, mais importante que isso, é vocês identificarem o caminho, o que vocês precisam fazer pra alcançar esse objetivo. Esta é a segunda etapa, e a etapa final é agir. Não importa o quão distante ou impossível pareça alcançar este objetivo. O importante é vocês agirem, por menor que seja a atitude, ela fará toda a diferença.

– Como é aquele trecho da sua poesia, fessor, é... “não parar no tempo...”?

– *“Pra gente é mais difícil, mas a gente vai conseguir só não dá pra parar no tempo, temos que continuar temos que prosseguir.”*

Tocou o sinal. Fim da aula. Saio da sala e vou pra casa.

Amanhã é feriado, e é dia de festa. Todos os anos, no dia 12 de outubro, um grupo de artistas e produtores do nosso bairro faz uma festa na nossa rua, onde alguns membros desse grupo moram também. Eu conheço os caras, mas não falo com eles, apesar de estar todos os anos na festa, assistir as atrações e me divertir muito. Eles sempre trazem convidados de outros bairros, teatro de rua, fanfarra, exibições de filmes, poetas e bandas de vários tipos de música. Foi nesse evento que eu conheci o que era maracatu. O som das alfaias faz o nosso peito tremer; quando começa a loa as caixas ditam o ritmo, e os xequerês e agogôs compõem o tom das melodias cantadas pelos capitães e o coro. Eles chamam essa festa de “Levante Cultural”.

O professor Otávio que apresenta o evento. Público, na rua, para todos e com todos.

Minha avó Miranda sempre está nessa data, ela adorou quando tocou maracatu no ano anterior. Mas ela vem por outro motivo nessa data, ela vem pra São Paulo assistir à missa na Capela de Nossa Senhora do Rosário, ali no bairro da Penha. Essa igreja foi construída por uma irmandade de homens negros, que se juntavam para comprar a alforria de outros escravos e



se organizavam dentro das igrejas. Hoje ela é patrimônio histórico, tombado e tudo, porque a arquitetura é característica daquela época. Ela é devota de Nossa Senhora. Ela já deve estar em casa, chegaria agora à noite.

Como meu pai se machucou, os planos mudaram, e agora ela vem só, sem minhas tias e primas, vem inclusive para ajudar minha mãe a cuidar do meu pai, assim que eles chegarem; ele ainda não pode se locomover.

Que bom que essa semana é mais curta, amanhã é feriado, vou dormir até mais tarde. Na verdade, não, eu tenho que arrumar as coisas na casa pra quando meus pais chegarem. Afastar móveis, deixar coisas no baixo pra meu pai conseguir rodar pela casa quando usar a cadeira de rodas.

Afe! Fazer 18 anos cansa.

Preferia quando não precisava fazer todas essas coisas! Não, acho que não!

Agora posso ter isso aqui, ó! Vem meu nome completo, número da minha agência, número da minha conta e agora eles vêm com chip. Cartão de banco. O Kevin pediu um pra mim, já que agora vou ter salário, né! Comprei algumas coisas e, se me lembro bem, já devem ter chegado.

Nas paredes do pátio tem alguns cartazes do Levante Cultural colados. O Diego passa por mim e vai direto. No começo do ano, íamos embora juntos. Nós três, na verdade. Mas as coisas mudam. Tudo muda, a gente muda.

A noite está quente hoje. Amanhã vai ser um dia ensolarado, quente, olha como o céu está estrelado! Da escola pra minha casa é perto.

As luzes da sala estão acesas, minha avó já chegou.



À medida que vou chegando mais perto do portão, percebo que o rádio da sala está ligado, mas não conheço a música. Entro e encontro as malas em cima do sofá e várias sacolas de compras de supermercado em cima da mesa. Uma garrafa de suco aberta e um copo meio cheio ainda sobre a pia da cozinha. Ouço o chuveiro ligado no banheiro, e digo:

- A bênção, vó!
- Deus te abençoe. Tô saindo já, Bruninho!
- Tá bem, vó.

– Que bagunça! Começo a guardar as compras no armário e na geladeira, depois levo as bolsas dela para o quarto, na parte vazia do meu guarda-roupa separada pra isso. Volto pra cozinha, completo o copo da minha avó e guardo a garrafa na geladeira também. Logo ela sai do banheiro de roupão e pantufas coloridas, com o cabelo roxo e corte novo: de um lado está cacheado e do outro está raspado com uns riscos, estilo *undercut*. Ela me diz:

– Vá tirar essa mochila das costas, menino, você está na sua casa! – E dá risada de mim.

Nem percebi que ainda estava de mochila nas costas. Tiro.

– Você chegou tão dentro de suas preocupações que nem notou. Suas coisas chegaram, menino. – E aponta para as duas embalagens em cima do sofá, no canto.

– Chegaram!? Comprei pela internet e chegaram no salão.

– Sim, a Deia deixou aqui na frente e eu guardei. Mas me diga, como você está? Não pensei em encontrar a casa assim, e pelo que ouvi dizer e vejo, você está lidando bem com os revezes, hem!

– O que a senhora ouviu dizer, mais reclamações da minha mãe?



– Não, pelo contrário, que parece que agora você tomou jeito!

– E a senhora, vó? Que cabelo é esse?

– Ah, é a moda, meu filho! E eu sou jovem! Aliás, somos jovens!

– É, somos. Eu levei as suas coisas para o quarto, já coloquei as bolsas da senhora na parte vazia do guarda-roupa. A senhora vai ficar na cama que era do Kevin ou na minha?

– Calma, sou jovem, mas já tenho uma certa idade, vou ficar com a sua, a de baixo.

– Rimos os dois, bem alto. Minha avó foi para o quarto se vestir, e eu tirei meus materiais da mochila e guardei as duas embalagens, a maior dentro e a menor no bolsinho. Estava na hora de arrumar algumas coisas.

– Vó, eu vou sair, mas já, já eu volto.

– Tabom, eu vou sair também.

– Mas vó, a essa hora? Não está tarde?

– Não sou eu quem deveria lhe fazer essa pergunta?

– É, mas agora eu sou maior de idade.

– Eu também!

– Tá. Eu vou ali na rua de cima, na casa de um amigo, mas já, já eu volto. E a senhora?

– Vou pra gafeira. Já chamei um motorista.

E de repente ela sai do quarto produzida, de vestido longo e maquiagem, sapatos de salto e uma flor no cabelo. Realmente, minha avó não aparenta a idade que tem. Ela não se sente idosa, apesar de saber que é. Acho que aparentamos o que sentimos, sei lá.

– Tá certo então, dona Miranda!

– Dona Mi.

Rimos os dois novamente, coloco minha mochila e saio. Tenho rumo certo. Sabe, nesses dias trabalhando no açougue eu pude ver uma coisa interessante: o Kevin não precisa chegar às 7 da manhã, mas ele chega, todos os dias. E pior, ou melhor, ele ajuda a descarregar o caminhão. Peça por peça de carne. Quer dizer, apesar de ser o chefe de todos nós, ele está sempre com a gente, faz tudo que todos fazem, desde limpeza até atender os clientes. Perguntei a ele por que fazia isso, se não precisava mais:

– Porque você me vê assim. Igual. Não sou seu chefe, sou seu irmão. Como sou daqueles outros funcionários ali também. E irmãos se ajudam, não se usam, se humilham ou competem. Irmãos se ajudam.

Fiquei pensando: meu irmão se sentia irmão de um monte de gente, e eu não me sentia seu irmão às vezes. Sentia sempre que tinha que ser melhor que ele, e que isso seria muito difícil, porque ele é o Kevin! Mas não. Não tenho que ser melhor que ele, não sou igual a ele. Ele é ele, e eu sou eu. E de alguma forma acho que o Kevin sabia disso, mas nunca me disse ou me cobrou nada, sempre esteve ali, por perto, esperando. Nós ficamos em silêncio por uns segundos, e depois ele levantou e estendeu a mão pra me ajudar a levantar; eu segurei a sua mão, e ele ajudou a me erguer.

Cheguei à casa do Diego já era meia noite e meia, mas sei que ele sempre vai dormir tarde, ou ia, pois ficávamos *on-line* na internet até tarde de madrugada.

– Diego!!!

As luzes da garagem da casa dele se acenderam, e logo ele abriu a porta, meio ressabiado, e veio me atender no portão:

– Bruno. Tá tudo bem?

– Não.

– O que houve, cara?

Tiro a mochila das costas e a coloco no chão. Abro e tiro a embalagem maior e estendo a ele. Ele pega, abre o embrulho do correio e percebe que é um tênis. Abre de forma mais desesperada a embalagem e pega o tênis. Novinho, igual ao que está no meu pé, que era dele.

– Ô, cara! Obrigado, mas não precisava.

– Precisa, sim, e me desculpe por aquele dia lá na quadra.

– Já passou.

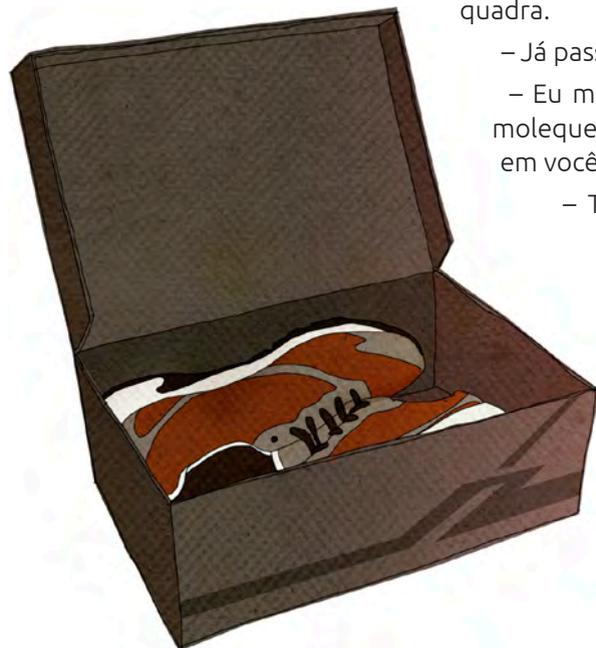
– Eu me deixei levar pelas provocações dos moleques lá na quadra e acabei descontando em você.

– Tudo bem, eu sou um perna de pau mesmo.

– Mas treinando aprende! Fez até gol! O único gol, né.

– É. Quer entrar, jogar um *game*?

– Não. Tô indo embora, tá tarde, vim só trazer sua encomenda mesmo.



- Ô, pior que o meu outro que estava usando furo, veio bem a calhar!
- Vai no Levante Cultural amanhã?
- Vou, sim. Você tá estudando pro vestibular?
- Mais ou menos, tô trabalhando agora, né, sobra pouco tempo.
- Eu soube. Seu pai já chegou?
- Não, chega amanhã à noite. Vai ser liberado de manhã, mas está em Minas!
- Seu pai viaja, hem, cara! Deve ser legal conhecer tudo que é lugar do Brasil.
- Preciso ir, Diego. Até amanhã, então, lá na rua.
- Até. Ae, Bruno... obrigado, cara! Estava com saudade.
- Eu também.

A gente se despediu com um abraço.

Volto pra casa e minha avó ainda não voltou.

Estou me sentindo bem melhor. É ruim ficar brigado com quem a gente gosta, né? Ainda mais se nós somos os culpados. Mas, e a coragem pra consertar a própria falha? Vou seguindo e encontrando essa coragem.

Durmo.

Amanhece, e eu já desperto. Acho que meu corpo se acostumou com o horário de ir para o trabalho; o Kevin me avisou que isso ia acontecer, mas eu não acreditei. Acordar antes do despertador! Isso existe! Hahaha.

Minha avó já estava de pé, dava pra ouvir o barulho do bater de panelas na cozinha.

Levantei. Ela estava de pijama, e o café, em cima da mesa.

– Que horas a senhora levantou? Ainda são 6:05! Ou melhor, a que horas a senhora chegou?

– Ah, agora vai querer ficar regulando meu ponto, é? Pois nem seu pai controlava meu ponto, e agora é você, é? Tô brincando. Cheguei já eram mais de três horas, você estava no último sono. Mas, meu filho, tem uma certa idade em que dormir já não nos interessa muito, daí acordamos com o galo! Hahaha.

– A senhora vai sair?

– Vou à missa, na Nossa Senhora do Rosário, na Penha, mas lá pela hora do almoço já devo estar aqui. Vou aproveitar que seus pais ainda não chegaram, porque, quando chegarem, já viu, né! Seu pai vai ficar igual uma criança: “Mãe, ô mãe, ó mainha!”. Pior que seu pai, só Kevin pra ser mais entojado quando se machucava! Oh, meu Deus do céu!

– É mesmo?

– Kevin? Ai, ai, isso quando criança era um nojo, um entojão, haha, só eu e sua mãe pra sabermos e aguentarmos, viu!

Então minha avó passou a me contar das manhas do Kevin, e das coisas que ele aprontou na adolescência, até de problemas de escola que ele deu, não era muito de estudar, vivia nos sambas do bairro, se atrasava pra escola, pra acordar cedo no outro dia. Meu irmão perdia a hora, quem diria! Hahaha.

Ficamos algumas horas conversando, até a hora de ela sair pra ir à missa, e eu de ir resolver meu outro assunto.

Peguei o segundo embrulho, o menor, e saí pensando na conversa que tive no café da manhã com minha avó, sobre como idealizamos as coisas ou as pessoas, sobre como eu pensava que seria a vida antes dos 18 e como ela realmente é. Quer dizer, não muda muita coisa, a gente tem muito mais coisas pra fazer, né, que são de nossa “responsabilidade”, e isso não pode falhar. Mas, pensando bem, viver é nossa responsabilidade, né!

Já estou chegando perto do meu destino, a casa dela fica a alguns quarteirões pra frente da casa do Diego, não muito longe da minha. Uma casa de esquina, térrea, mas com um terreno bem grande, onde eles geralmente fazem as festas e churrascos de família. Vou me aproximando e noto uma movimentação, pessoas da família dela entrando com bacias de alimentos, e outras com fardos de bebidas. Lembrei. O churrasco da prima da tia dela era hoje! Aquele que ela havia me chamado, e eu fiquei escavando desculpas para não vir. E, que coisa, acabei vindo, ou pelo menos no preparativo dele, afinal ainda eram 10:00.

– Deia. Ô, Deia! - Ela sai e demonstra espanto ao me ver. Fica um tempo me olhando, esperando eu falar. Eu tiro o embrulho do bolso e dou a ela. Ela pega, olha sem entender e começa a desembulhar. Quando percebe a embalagem se espanta. Abre e vê o par de alianças prateado. Fecha e estende a mão para me devolver o presente.

15:00. Vazio. Sozinho. Deitado na cama que era do Kevin, olhando para o teto. Escuto o Diego me chamar lá da frente.

– Bruno! Ô, Bruno!

Não sei se quero ficar no Levante, mas minha avó deve estar lá fora e, se eu não sair, já, já o Diego entra aqui pra me buscar. Melhor eu ir.

Levanto e saio. A rua está lotada de gente. À medida que vou chegando, o

barulho das pessoas na rua vai aumentando. Assim que saio, vejo minha avó sentada em um banquinho na calçada, conversando com algumas amigas. Otávio, Amauri e Will conversam perto da mesa de som, embaixo da tenda onde se apresentam os convidados. Um pouco mais à frente na rua, o pessoal do baque de maracatu vai se reunindo. Kevin está com a sua alfaia que ganhou de presente do nosso pai, conversando com outros amigos. Assim que Diego me vê, pergunta:

– Nossa, cara, o que você tem? Tá doente?

– Tô com a cara tão ruim assim?

– Está.

– Esquece, depois te falo.

– Fala, cara.

– Ah, sei lá. É o vestibular, o cansaço do trabalho, meu pai, a Deia...

– Bastante, hem. Mas você dá jeito, mano. - E colocou a mão sobre o meu ombro e me balançou, tentando me animar.

– Sei, não. Fui lá na casa dela, hoje de manhã, pra gente conversar, e não foi muito legal, não.

– Vocês brigaram?

– Não. Ela disse que não tinha cabeça pra pensar em namoro, que estava estudando para o vestibular, trabalhando e que vai começar um curso de cabeleireira nos fins de semana.

– E daí não teria tempo pra vocês. Isso é conversa, cara, ela não quer mais e pronto.

– Tá certa, quem vai querer um cara que nem sabe o que quer da vida?

– Você não sabe?

– Sei lá.

A rua está bem cheia. Crianças brincando na piscina de bolinha e na cama elástica, garotos andando de *skate*, barracas de artesanato, de cachorro-quente e de pipoca. Nesse momento, o Otávio pega o microfone e começa a apresentar o evento:

– Senhoras e senhores, homens e mulheres, jovens e velhos, brancos



e negros, pobres e... pobres. Sejam todos mais que bem-vindos a mais uma edição do Levante Cultural! Nós somos o coletivo Marginaliaria e vamos dar início ao nosso sarau.

Nós vamos abrir com uma poesia, e na sequência vem a Nação de Maracatu Porto de Luanda.

Otávio colocou o microfone no pedestal e o ajeitou para o Amauri, que se sentou em um banquinho, arrumou seu violão e passou a dedilhá-lo em ritmo de *blues*. Nesse momento, toda a rua para o que está fazendo e presta atenção no Amauri. Depois de introduzir a música com uma melodia vocálica, ele passa a recitar, enquanto faz a base no violão:

*Às vezes
sentado na minha varanda
pequena no espaço
gigante na imaginação
posso sentir o mundo girar
posso ver a vida passar
entre brasas e estrelas
ouço o meu coração bater
sinto o meu sangue pulsar
na ansiedade juvenil de descobrir o mundo
sofri em desespero calado, por muito tempo mudo
a minha alma se torcia, eu não podia falar
sempre de boca cheia, pra mente voar
sempre de boca cheia, pra mente voar
correr agora é a meta pra depois descansar
penso pelo que passei, vivi, senti
o que deveria ter feito, o que não fiz
e nesse tempo todo, só quis acertar
correr agora é a meta pra depois descansar
correr agora é a meta pra depois descansar.*



Eu não sei descrever como me sinto. Tudo roda na minha cabeça. Parece que essa poesia é pra mim, ou foi escrita pra mim. Mas é isso. Correr agora é a meta pra depois descansar.

Estou zerado. Empatado. Como o Otávio disse, não importa se as condições são as mais difíceis ou se não temos todas as ferramentas, as ações, por meno-





res que sejam, me levam aonde eu quero chegar.

Mas eu já agi, por que Deia não quer namorar comigo?

Como vou estar sozinho pra passar no vestibular?

E se eu não passar, vou fazer o quê?

Só tenho o fim de semana pra estudar, descansar, sem quadra, sem *game*, sem internet. Estudar.

Assim que o Amauri terminou de tocar, as palmas e os assovios foram imediatos. Na sequência, ouvimos o primeiro baque das alfaias. Bow! O peito descompassou, vibrou em contratempo assim que o grave ecoou. Em seguida, os agogôs começaram a marcar, tum tá tum tá, tumtumtum tatum tá tumtá, a caixas e o apito. E as alfaias começaram os golpes, bow, bow bow bow, bow bowbowbowbow.

As lágrimas umedecem meu rosto, não param de descer. Sinto meus olhos arderem e não sei bem o porquê, ou sei, mas começo a chorar de soluçar. E é bom. Sinto que um peso sai através dos meus olhos.

Minha avó Miranda percebe que estou chorando, levanta-se, vem até mim e me abraça. Um abraço forte, firme, quente. Ela diz no meu ouvido:

– Acalme-se, meu filho. É só o começo da estrada. Que bom que você já sabe a direção, mas veja, mais importante que o destino é o caminho. Não estou dizendo que vai ser fácil. Não vai... mas seu caminho vai ser lindo.

Um ano e um mês depois.

8

12:55

10 de novembro de 2018

↗ O vestibular

Como dizia meu pai, “vida é estrada”. E eu já passei por essa aqui. Pode parecer besteira, mas, quando a gente já tropeçou na pedra, a gente lembra onde ela está. É claro que eu não passei no vestibular no ano passado.

O fiscal já vai começar a passar as instruções, às 13 horas em ponto nós podemos começar a prova. Se abrirmos antes, podemos até ser desclassificados. Ouvei uma história assim, de uma aluna do cursinho pré-vestibular. Não vou pagar pra ver.

Lá no cursinho tem bastante gente que está fazendo o segundo ano, e até o terceiro ano, pra tentar ingressar na faculdade. Lá eu descobri que realmente é muito difícil entrar de primeira. Que tudo influi, família, amigos, dinheiro, tipo de escola em que estudou até chegar aqui. E, se com as condições difíceis já é treta, imagine sendo displicente como eu era! Não ia passar, não passei. Mas agora eu vou. Abro minha mochila e tiro alguns doces para deixar sobre a mesa; abro o estojo de lápis e vejo a minha aliança. Tiro uma caneta, um lápis e uma borracha, pego a aliança e leio o nome dentro dela: Andreia. Já faz seis meses que estamos juntos. Namorando mesmo. Aconteceu no cursinho, numa das festas de lá. Ela também não passou de primeira e se matriculou no mesmo cursinho que eu no nosso bairro. Ainda bem! Só vou deixar ela aqui no estojo pra não me desconcentrar. O fiscal já está distribuindo as provas. Recebo a minha e a deixo virada pra baixo da carteira.

O Diego falou que as matérias do primeiro ano de Desenvolvimento de *software* são tranquilas, mas já as do segundo... Ele passou de prima. Falou pra eu tomar cuidado com a Matemática, apesar de eu ser bom, prestar atenção nos enunciados por causa das pegadinhas. Não acho que vou ter problema nas matérias de Exatas, já em Português...

Fiz alguns simulados lá no cursinho, e, de fato, minha maior dificuldade é em redação.



Em Matemática estou tranquilo, até o Kevin reconhece meu talento. Ele me tirou da carga e do atendimento e me colocou no caixa do açougue. O salário melhorou um pouco, o que está fazendo a maior diferença em casa, já que meu pai está demorando mais tempo pra se recuperar. Dizem que ossos de idosos demoram mais pra colar. Ele está indo bem, não está mais de cadeira de rodas, mas ainda está com gesso no pé. Ele me trouxe um presente de Minas Gerais que viria bem a calhar aqui, agora: uma calculadora científica. Meu pai entende dos paranauês. Não se pode usar aqui.

Lá no cursinho, o Otávio – sim, ele também dá aulas no cursinho comunitário lá do bairro – me disse umas coisas que podem fazer sentido, e que eu me atrapalhei todo no ano passado. Eu comecei a resolver as questões mais fáceis e, quando cheguei nas de Português, comecei a chutar a maioria pra dar tempo de fazer a redação, e obviamente a minha redação ficou um lixo.

O fiscal terminou de passar as orientações. São 13:02. Eu desviro o caderno de perguntas e vou pro final, vou começar pela redação. O caderno de redação tem duas folhas, uma com pauta e linhas pra escrevermos a redação e a outra com o enunciado, que diz: *“Com base no curso de sua escolha, descreva três acontecimentos importantes de sua vida, em qualquer período, que o influenciaram a escolher o curso de sua opção.”*

Pego o lápis, a borracha e começo:

O relógio estava despertando há quase um minuto, marcando meio-dia. Abro os olhos, e o quarto já está bem claro...

Era eu voltando para o começo... um novo começo.





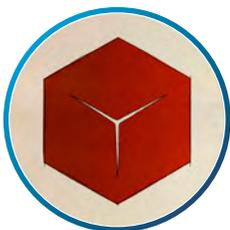
Sobre o autor

Andrio Cândido

Ator, Produtor, Poeta, Escritor, Arte Educador de Literatura Periférica, Educador Social e Gestor de Projetos.

Formado em História na Universidade Guarulhos, e em Técnicas em Artes do Palco no Senac, Andrio Cândido é um artista da periferia de São Paulo, que dialoga com múltiplas linguagens artísticas.

Após vencer o 1º Festival Estudantil de Teatro de Caraguatatuba com o prêmio de 'Melhor Ator', veio à São Paulo para atuar profissionalmente em séries como Turma do Gueto, Carandiru – Outras Histórias, Telecurso 2000 e em longas metragens, Boleiros 2 de Ugo Giorgetti e Os 12 Trabalhos de Ricardo Elias. Em 2010 com o Coletivo Cultural Marginaliaria produziu 'O Levante', o 'Sarau na Cozinha' na Biblioteca Pública de São Miguel Paulista R. de Menezes e passou a compor o cenário cultural da cidade realizando saraus em diversos espaços. Fundou o projeto Filhos de Ururai, de intervenções poéticas nos vagões de trens da CPTM e Metrô. Em 2014, escreveu, produziu e atuou no 'Um Salve Doutor', longa onde o autor circula com formações, palestras e rodas de conversa sobre 'produção cultural periférica', "literatura e cultura negra" e divulga seu primeiro livro de poesias, Dente de Leão.



Sobre o ilustrador

Estúdio Pandora

Em mais de 20 anos conseguimos formar uma grande rede de profissionais que acreditam nos nossos projetos. E, nós, claro, acreditamos em cada um deles, com muita confiança. Dizer que agenciamos ilustradores é muito pouco para o que realmente é o Estúdio Pandora – somos uma comunidade de artistas visuais, em busca pelo melhor resultado, sempre!

Com toda essa versatilidade, temos ilustradores expressivos, viscerais, detalhistas, minimalistas, entre tantas outras peculiaridades, e a nossa tarefa é unir o projeto certo com os artistas certos, para que, assim, tanto o processo quanto o trabalho final sejam únicos e incríveis.

BAIXE O APP

LEIA COMIGO!

PARA LER E
OUVIR HISTÓRIAS
GRATUITAMENTE.

Disponível apenas para sistemas
operacionais Android 4.4



A Fundação Educar DPaschoal quer
saber o que achou do livro.
Compartilhe em suas redes sociais usando

#LeiaComigoEducar

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

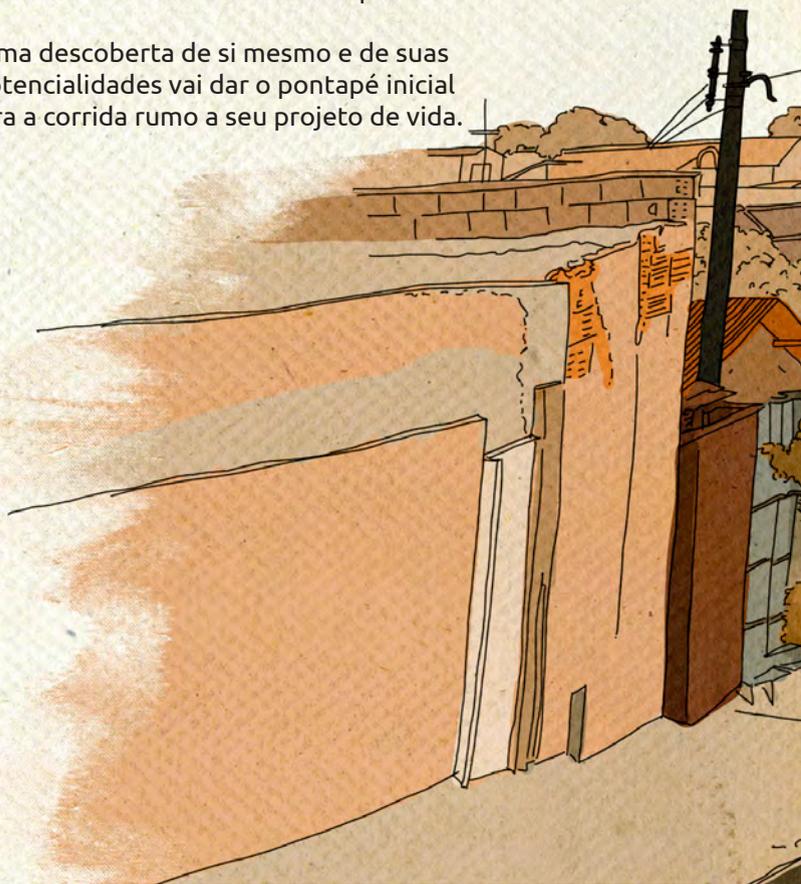
A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 e é o investimento social privado da Companhia DPaschoal. Acreditamos na educação para a cidadania como estratégia de transformação social gerando valor compartilhado nas comunidades brasileiras. Para que a cidadania plena seja exercida é preciso garantir que as pessoas se reconheçam como protagonistas de suas vidas e de suas comunidades e desenvolvam a capacidade de interpretar o mundo através da leitura. Por isso, a Fundação tem três eixos de atuação: Educar para Ler, Educar para o Protagonismo e Cooperando com o Social. Para saber mais sobre os projetos desenvolvidos acesse nosso site: www.educardpaschoal.org.br.



Leia Comigo!

Bruno está prestes a completar 18 anos quando recebe uma notícia inesperada.

Uma descoberta de si mesmo e de suas potencialidades vai dar o pontapé inicial para a corrida rumo a seu projeto de vida.



MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

